

OFÍCIOS MECÂNICOS E O TRABALHO DA CARPINTARIA DE MÓVEIS EM ITABAIANA/SE: PROCESSO DE MUDANÇA DA ORGANIZAÇÃO PRODUTIVA E ACUMULAÇÃO DO CAPITAL¹

OFICIOS MECÂNICOS Y EL TRABAJO DE LA CARPINTERÍA DE MUEBLES EN ITABAIANA/SE: PROCESO DE TRANSFORMACIÓN DE LA ORGANIZACIÓN PRODUCTIVA Y ACUMULACIÓN DE CAPITAL

MECHANICAL WORKS AND THE WORK OF FURNITURE CARPENTRY IN ITABAIANA/SE: PROCESS OF CHANGING THE PRODUCTIVE ORGANIZATION AND CAPITAL ACCUMULATION

João Pedro Celestino dos Santos

jpedro.celestino_2012@hotmail.com

Ana Rocha dos Santos

ana.rochaufs@gmail.com

RESUMO

O presente artigo objetiva analisar os ofícios mecânicos, principalmente o da carpintaria de móveis, resultado das reconfigurações na divisão social do trabalho. A sociedade capitalista, ao mesmo tempo em que subordina, também preserva os ofícios mecânicos tradicionais no campo e na cidade. A investigação do ofício da carpintaria foi realizada através aporte teórico-metodológico do materialismo histórico dialético que sustenta o estudo da realidade sem descuidar da teoria e permite estabelecer as conexões para a compreensão do real. Foi estudado o ofício da carpintaria em Itabaiana/SE, priorizando a pesquisa qualitativa, com a técnica de entrevistas e aplicação de questionários com os sujeitos que vivem e trabalham nesta atividade. Constatou-se que a carpintaria subsiste, mas está pautada pelas relações capitalistas de produção, com divisões que se ajustam melhor à dinâmica do mercado de móveis.

Palavras-chaves: Trabalho, ofício mecânico, carpintaria de móveis, Itabaiana/SE.

RESUMEN

En el presente artículo se analizan los oficios mecánicos, principalmente la carpintería de muebles, y los efectos de las reconfiguraciones en la división social del trabajo. La sociedad capitalista, al mismo tiempo en que subordina, también preserva los oficios mecánicos tradicionales en el campo y en la ciudad. La investigación del oficio de la carpintería fue realizada a partir del aporte teórico-metodológico del materialismo histórico y dialéctico que sustenta el estudio de la realidad sin descuidar de la teoría y permite establecer las conexiones para la comprensión de la realidad. El estudio del oficio de la carpintería en Itabaiana (Sergipe, Brasil) priorizó la investigación cualitativa con la técnica de entrevistas y aplicación de cuestionarios a los sujetos que viven y trabajan en esta actividad. Los resultados obtenidos demuestran que la carpintería subsiste, pero está pautada por las relaciones capitalistas de producción, con divisiones que se ajustan mejor a la dinámica del mercado de muebles.

Palabras claves: Trabajo, oficio mecánico, carpintería de muebles, Itabaiana (Sergipe).

¹ Este artigo é resultado da dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, que visa analisar o trabalho através do ofício da carpintaria de móveis no município de Itabaiana, Sergipe. Agradecimentos estendidos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), pelo fomento à referida pesquisa.

ABSTRACT

This article aims to analyze the mechanical trades, mainly furniture carpentry, resulting from the reconfigurations in the social division of labor. Capitalist society, while subordinating, also preserves traditional mechanical crafts in the countryside and in the city. The investigation of the craft of carpentry was carried out through the theoretical-methodological contribution of dialectical historical materialism that supports the study of reality without neglecting theory and allows establishing connections for the understanding of reality. The craft of carpentry in Itabaiana/SE was studied, prioritizing qualitative research, with the technique of interviews and application of questionnaires with the subjects who live and work in this activity. It was found that carpentry subsists, but is guided by capitalist relations of production, with divisions that better adjust to the dynamics of the furniture market.

Keywords: Work, mechanical craft, furniture carpentry, Itabaiana/SE

INTRODUÇÃO

São as mãos que tecem o linho no fabrico do tecido; que modelam a argila transformando-a em um vaso; que tomam a palha e trança-a com a finalidade de produzir um cesto; e com a madeira confeccionam uma mesa. São as mãos (de maneira alegórica) que dão sentido ao trabalho ao tornar possível a concreticidade daquilo que foi previamente pensado.

O trabalho com as mãos é a forma mais próxima do intercâmbio do homem com a natureza no seu processo de produção. Trabalho que transforma a “primeira natureza” (a natureza natural) em “segunda natureza” (a natureza humanizada), ao mesmo tempo em que humaniza o próprio sujeito. Posto isto, entende-se que através dele há a produção de objetividades com valores de uso, ou seja, materialidades que possuem utilidades para a reprodução dos sujeitos.

Os valores de uso, por sua vez, estão atrelados àquilo que as mãos produzem, mãos de trabalhadores de ofícios, por exemplo, que historicamente transformam o algodão, a argila, a palha, a madeira em objetos geradores que traduzem trabalho – resultado de conhecimento prático acumulado, do desenvolvimento das técnicas produtivas e do aperfeiçoamento do próprio trabalho.

No processo de produção da sociedade capitalista, as mãos que produzem são amarradas e submetidas aos ditames de um novo controlador: o capital. São as relações capitalistas que transmutam o trabalho e o trabalhador, reconfigura-os, reorganiza-os e rearticula os mecanismos de produção para ampliação de lucros. As relações capitalistas de produção, violentamente, colocam em xeque a autonomia do trabalho/trabalhador, socializa-os, tal qual aconteceu na passagem da organização artesanal para a manufatura, tecendo divisões de ofícios no intercurso da divisão social e técnica do trabalho. Solapam as estruturas do trabalho na sua concretude, ao mesmo tempo que cria/recria novas formas de trabalho

para contribuir com o processo de extração de mais-valia, ou seja, no capitalismo, as mudanças do trabalho são “peça-chave” para a continuidade da exploração e consequente acumulação de riquezas.

As mudanças no mundo do trabalho não se limitam às formas organizativas do Fordismo, Taylorismo e Toyotismo que emergiram no século XX. Preteritamente, ofícios mecânicos tradicionais foram deslocados da individualidade, coletivizados, redefinidos, ramificados para atender às demandas dos diferentes modos de produção, e ainda mais do/no capitalismo que não cessou de promover a extinção de muitos deles em razão de não seguirem o ritmo do desenvolvimento das forças produtivas ou por não possuírem relevância para o processo de acumulação do capital.

São trabalhadores de hoje e, sobretudo trabalhadores de ontem que tiveram suas fraquezas expostas e apropriadas, submetidos à alienação, conformados com a ideologia burguesa. Ideologia que romantiza a “liberdade” do trabalhador como expressão viva para a sua realização individual e social.

Tendo em vista tal perspectiva, o referido artigo procura analisar um tema pouco estudado, inclusive pela própria Geografia. O trabalho de ofício, como o da carpintaria de móveis, produz espaço geográfico e se manifesta numa totalidade de relações sociais que se dinamizam regionalmente para atender as demandas atuais do capital. Por isso, a discussão aqui travada não se faz isolada, ela esmiúça o processo histórico-geográfico dos ofícios e da carpintaria, cuja finalidade é, por meio da análise, compreender a permanência, inclusive deste último, num cenário comandado pelo capital.

Destarte, os resultados apresentados neste estudo decorrem de pesquisa bibliográfica, sobre questões caras à leitura dos ofícios, como a própria discussão da categoria trabalho, como Marx (2017), Marx; Engels (2009), Romero (2005); sobre ofícios mecânicos tradicionais, Cunha (2005, 1979), Fígoli; Gadelha (2012), Tomasi; Silva (2017), e sobre carpintaria e carpintaria de móveis, Andrade (2012), Brandão (2013), Cardoso (2019), Katinsky (1965), proporcionaram uma profundidade teórica em relação à presente discussão; além disso, trabalhos de campo e entrevistas, munidas de roteiro pré-estabelecido e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (conforme Resolução nº 510/2016 do Ministério da Saúde²), com trabalhadores do setor da produção de móveis no recorte espacial do município

² A citada Resolução dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. Disponível em: < https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html >. Acesso em: 05/10/2018.

de Itabaiana/SE, durante o ano 2020, permitiram assimilar, de maneira mais íntima, o real-concreto do trabalho que executam.

A investigação desta forma de trabalho no referido recorte espacial, se justifica pela própria condição que se apresenta, sua potencialidade produtiva e a dinâmica regional que se manifesta através de tal forma de trabalho, por isso a análise foi fundamentada sob as lentes do Materialismo Histórico e Dialético para promover a interpretação da realidade em questão, lançando luz sobre as contradições inerentes à reprodução do ofício tradicional da carpintaria de móveis ao questionar a realização dos trabalhadores em meio à perda de autonomia no cumprimento de suas atividades, a submissão, direta ou indireta, em oficinas e indústrias que se assentam numa relação assalariada de trabalho, compreendendo o porquê da permanência deste tipo de ofício na sociedade contemporânea do capital e em Itabaiana.

É este o caminho, não para entender por si só a realização do trabalho, mas para analisar como o capital vai tecendo sua teia no processo de captura de formas de trabalho pré-capitalistas, como é o caso do ofício da carpintaria. Formas e conteúdos que são tomados pelo capital, revistos e ordenados a permanecerem no cenário de sua reprodução. Novas determinações se fundam sobre os espaços de produção: as máquinas, as novas tecnologias, os novos profissionais que também se relacionam neste setor produtivo, o trabalho da carpintaria de móveis na totalidade da dinâmica regional de Itabaiana/Sergipe e além fronteiras. Estas proposições são resultado de processos histórico-geográficos que, se fossem negligenciados, não haveria possibilidade de compreensão de tal realidade.

MUDANÇAS DA/NA ORGANIZAÇÃO PRODUTIVA DO TRABALHO E A REPRODUÇÃO DOS OFÍCIOS MECÂNICOS

A captura dos ofícios mecânicos pelo capital provocou, como tudo que é envolvido em sua teia, uma submissão massiva daqueles sujeitos que estavam numa condição social menos favorecida: negros escravizados, pessoas marginalizadas e pobres. Estes eram conduzidos para realização de um trabalho eminentemente braçal e que não representava prestígio social em meio à sociedade colonial da época. Era um trabalho, como se referiu Cunha (2005, p. 7), “aviltante³”.

Situação que perpassou no tempo, por grande parte da Europa e também no Brasil no período Colonial, mais precisamente em relação ao trabalho exercido pelos negros escravizados. Foi a condição degradante dos mecanismos de exploração do trabalho e do

³ Um trabalho sem prestígio social, desonroso.

trabalhador a fim de manter o desenvolvimento econômico e o acúmulo de riquezas para as Metrópoles. Por isso, a necessidade de ensinar ofícios mecânicos, adotá-los nos engenhos, nas minas, nos cais para que a reprodução econômica, sobretudo naquele período se efetivasse.

Para compreender esta condição, uma discussão inicial se faz importante: estes ofícios, por sua vez, se constituem a partir da lógica do trabalho artesanal, individual, que em determinado contexto histórico foram socializados, coletivizados num único espaço de trabalho e submetidos às determinações de um mestre-artesão ou um capitalista que controlava a produção e regulava o trabalho dos vários oficiais nesta oficina. Por isso, Marx (2017, p. 397), explica que

[...] quando o mesmo capital individual emprega simultaneamente um número maior de trabalhadores; quando, portanto, o processo de trabalho aumenta seu volume e fornece produtos numa escala quantitativa maior que antes. A atividade de um número maior de trabalhadores, ao mesmo tempo e no mesmo lugar (ou, se se preferir, no mesmo campo de trabalho), para a produção do mesmo tipo de mercadoria, sob o comando do mesmo capitalista: tal é histórica e conceitualmente o ponto de partida da produção capitalista.

Em outras palavras, a reunião de diferentes oficiais num mesmo espaço de trabalho, proporcionou ao mestre-artesão, capitalista, que a sua produção aumentasse, o que não seria possível se houvesse a manutenção de uma produção a partir de um trabalho isolado. A junção de forças de trabalho⁴ provocou a união de jornadas de trabalho dos trabalhadores para gerar uma produtividade maior e um rendimento satisfatório daqueles oficiais que se submetiam àquelas relações de trabalho.

Por exemplo, oficiais carpinteiros de móveis submetidos a um capitalista, reunidos em um único “campo de trabalho”, se encarregariam de produzir um determinado objeto num tempo de trabalho menor do que se apenas um deles o realizasse. Com isso, uma quantidade maior de objetos seria apropriada pelo capitalista que além de comprar a força de trabalho do carpinteiro, é possuidor dos meios de produção e do resultado daquilo que é produzido.

Trabalhar reunidos num mesmo espaço de trabalho é o que se confirmava com a instituição das Corporações de ofícios que emergiram nos espaços urbanos a partir do século

⁴ Assim como o poder ofensivo de um esquadrão de cavalaria ou o poder defensivo de regimento de infantaria são essencialmente diferentes dos poderes ofensivos e defensivos de cada um dos cavaleiros ou soldados de infantaria tomados individualmente, também a soma total das forças mecânicas exercidas por trabalhadores isolados difere da força social gerada quando muitas mãos atuam simultaneamente na mesma operação indivisa, por exemplo, quando se trata de erguer um fardo pesado, girar uma manivela ou remover um obstáculo. (MARX, 2017, p. 400)

XI (CUNHA, 2005, p. 11). O trabalho artesão dos diferentes ofícios existente nas cidades corroborou para a formação destas corporações, e mais ainda

A concorrência dos servos fugidos que acorriam à cidade, a guerra permanente do campo contra as cidades e, com ela, a necessidade de um poder armado organizado das cidades, o vínculo da propriedade comum de um determinado trabalho, a necessidade de edifícios comuns para a venda das suas mercadorias numa altura em que os artesãos eram, ao mesmo tempo, *commerçants* [comerciantes - francês], e a consequente exclusão desses edifícios dos que nada tinham a ver com a profissão, oposição de interesses dos diferentes ofícios entre si, a necessidade de proteção do trabalho penosamente aprendido e a organização feudal de todo o país foram as causas da união dos trabalhadores de cada um dos ofícios em corporações. (MARX; ENGELS, 2009, p. 76)

E estas Corporações fizeram papel de controladoras do trabalho artesanal e assalariado dos diferentes ofícios que estavam submetidos aos ditames do mestre-artesão, às relações patriarcais estabelecidas entre ele e o artífice/aprendiz. Uma relação que bloqueava as ações autônomas dos oficiais que se encontravam dependentes das vantagens que se desdobravam delas. Marx; Engels (2009, p. 77), ressaltam que

Os oficiais e aprendizes estavam organizados, em cada ofício, da maneira que melhor correspondia ao interesse dos mestres; a relação patriarcal em que se encontravam face aos mestres dava a estes um poder duplicado, por um lado na sua influência direta sobre toda a vida dos oficiais; e depois porque, para os oficiais, trabalhar com o mesmo mestre era um vínculo real que os unia face aos oficiais dos outros mestres e deles os separava, e finalmente os oficiais estavam desde logo atados à ordem vigente pelo interesse que tinham em tornar-se eles próprios mestres.

Do mesmo modo destacam que os

Oficiais que se interessavam, também em serem mestres e por isto se prestavam a atender as exigências daquele que comandava o espaço de trabalho, que ditava as regras e que definia o rumo da produção. E para chegar a esta condição, o oficial “tinha de ser versado num ciclo inteiro de trabalhos, tinha de saber fazer tudo o que se podia fazer com suas ferramentas; (...) todo aquele que queria ser mestre tinha de dominar completamente o seu ofício. (MARX; ENGELS, 2009, p. 78).

Esta condição era uma forma de manter os trabalhadores à disposição da instituição Corporação. E para além disso esta mesma Corporação instituíam as regulamentações jurídicas e reconhecidas no âmbito social através de estatutos que

(...) continham normas detalhadas que regulavam as relações da corporação com o poder público e com o mercado (aquisição de matérias-primas e venda dos produtos). Regulavam, também, as relações entre os próprios trabalhadores (mestres, aprendizes ou assalariados). Tratava-se, particularmente, do número e da idade dos aprendizes, da duração da aprendizagem, do pagamento pelo aprendizado, e da “obra prima”, uma espécie de prova final prática, pela qual o aprendiz era recebido entre os

mestres e podia exercer seu ofício autonomamente. (CUNHA, 2005, p. 11 - 12)

Nota-se, portanto, uma relação de poder que se sobressaía neste espaço de trabalho, onde, além de “acolher” aqueles artesãos que antes realizavam seus trabalhos de uma forma isolada, utilizava de seus grilhões para poder participar da vida social das cidades, ao passo que explorava o trabalho alheio. Ressalta-se, também, que todos aqueles que não se colocavam na forma organizacional de uma associação correspondente, tinham seus trabalhos considerados como vis⁵ e eram impedidos de realizar sua atividade produtiva nas cidades com eminente possibilidade da existência de conflitos entre oficiais que viam na Corporação uma forma legal de se trabalhar e comercializar seus produtos.

Tal era uma forma de resistência, daqueles que não estavam associados às Corporações. Estas, por sua vez, permaneceram tecendo suas relações sociais e espaciais, mas encontravam um empecilho para o seu desenvolvimento⁶ mais autônomo e promissor nas cidades posto que, processualmente, também emergia um comércio nas e entre as cidades, de modo que a divisão do trabalho se impusesse nas relações capitalistas. O intercâmbio entre as cidades [ressaltado por Marx; Engels (2009, p. 78)], possibilitou “uma ligação comercial que ultrapassava os limites locais” (MARX; ENGELS, 2009. p. 80), o que foi notável entre os séculos XV a XVIII com a expansão do comércio europeu para além mar, e conseqüentemente o seu domínio territorial.

O fato é que esta situação, paulatinamente, permitiu que as corporações de ofícios perdessem força e espaço dentro das cidades, enquanto as manufaturas emergiam. E estas últimas serviam como refúgio para os trabalhadores saídos do campo e marginalizados nas cidades, bem como daqueles que fugiam das baixas remunerações pela venda da força de trabalho e do controle das corporações. Enfraquecidas pela rejeição simbólica, as corporações de ofícios mecânicos foram se diluindo pelas exigências das manufaturas, agora ávidas de força de trabalho livre do seu controle, barata e fácil de se contratar e de se dispensar (CUNHA, 2005, p. 13).

Com isso, estas formas de organização do trabalho vão deixando de existir, como aconteceu na Áustria e na França no século XVIII e no Brasil no século XIX, por volta de 1824 (CUNHA, 2005, p. 13).

As corporações de ofícios, já seculares ao tempo da Independência, foram extintas pela Constituição de 1824 do nascente Império do Brasil. Esse dispositivo da carta outorgada veio reconhecer e sancionar a decadência da organização corporativa de ofício, determinada por vários fatores: a

⁵ Sem muito valor.

⁶ É importante ressaltar que sua existência é notada até o século XIX.

estreiteza do mercado interno, as limitações da economia colonial, os desincentivos resultantes do trabalho escravo e as restrições da ideologia econômica liberal. (CUNHA, 2005, p. 52)

Mesmo assim, os ofícios mecânicos permaneceram condicionados à submissão das manufaturas que provocaram uma divisão técnica do trabalho mais efetiva, onde ofícios foram condensados num mesmo espaço para a realização de um objeto, e ainda fragmentados no processo de trabalho.

A construção um dado objeto, por exemplo, através de um grupo de oficiais seria realizada a partir da união das forças de trabalho destes mesmos. Uma mesa, por exemplo, seria confeccionada a partir da força de trabalho de um carpinteiro de móveis, um serralheiro, um torneiro, um pintor, para que o resultado do processo de trabalho pudesse ser materializado. Tem-se, portanto, uma totalidade de trabalhos parciais (ROMERO, 2005). No outro contexto, esta mesma mesa seria confeccionada por meio de um mesmo ofício. Ou seja, os carpinteiros de móveis *a*, *b* e *c*, se responsabilizariam pela realização da produção de partes deste dado objeto, e isso implicou numa especialização necessária para o desenvolvimento emergente do capital⁷.

Esta forma dúplice de organização manufatureira, é explicada por Marx (2017, p. 413), ao expressar que

Por um lado, ela parte da combinação de ofícios autônomos e diversos, que são privados de sua autonomia e unilateralizados até se converterem em meras operações parciais e mutuamente complementares no processo de produção de uma única e mesma mercadoria. Por outro lado, ela parte da cooperação de artesãos do mesmo tipo, decompõe o mesmo ofício individual em suas diversas operações particulares, isolando-as e autonomizando-as até que cada uma delas se torne uma função exclusiva de um trabalhador específico. Por um lado, portanto, a manufatura introduz a divisão do trabalho num processo de produção, ou desenvolve a divisão do trabalho já existente; por outro, ela combina ofícios que até então eram separados. Mas seja qual for seu ponto de partida particular, sua configuração final é a mesma: um mecanismo de produção, cujos órgãos são seres humanos.

É este mecanismo de produção que vai colaborar para a dissolução das Corporações de ofícios, ao mesmo tempo em que estava, também, submetido às relações de poder com o Estado que o protegia em tempos onde o comércio dominava as relações mercadológicas, sobretudo, do século XVIII, atuando como um sistema de organização de trabalho secundário neste cenário.

⁷ Em o capital Marx (2017) faz menção à construção de uma carruagem.

Tais observações, portanto, exprimem como o processo de realização do trabalho a partir dos ofícios passou por importantes mudanças, o caráter artesanal isolado é deixado de lado para dar sustentação a uma coletividade deste mesmo trabalho, agora para atender as demandas da organização do modo de produção capitalista. Isto, por sua vez, perpassa no Brasil, no período colonial, sobretudo, onde empregaram o ensino de uma gama de ofícios mecânicos (carpinteiros, entalhadores, canteiros, pedreiros, ferreiros, sapateiros, tecelões) a fim de suprir as necessidades de reprodução social e econômica daquela época, inclusive com a atuação das Corporações.

Para a efetivação do processo de constituição de sujeitos trabalhadores capacitados para realizarem as possíveis demandas daquela sociedade, a possibilidade de colocar a força de trabalho dos negros escravizados, para atender a estas exigências. Com isso, o desempenho de ofícios era considerado “coisa de escravos” e por isso “passavam a ser desprezados, como se houvesse algo de essencialmente aviltante no trabalho manual, quando a exploração do escravo é o que o era”. (CUNHA, 2005, p. 16).⁸ O que não durou muito para promoverem um certo branqueamento de alguns ofícios para atrair, sobretudo, brancos pobres a se especializarem numa profissão.

No entanto, o trabalho realizado pelos ofícios encontrava espaço para reprodução nos núcleos urbanos da época que se formavam a partir da demanda econômica do açúcar e da mineração, logo a “população urbana gerou um mercado consumidor para os produtos de diversos artesãos como sapateiros, ferreiros, carpinteiros, pedreiros e outros” (CUNHA, 2005, p. 27). Perfaz, então, sua relevância para a sociedade, que além de produzir as mercadorias necessárias para a vida, também estiveram voltados para o desenvolvimento da formação econômica do Brasil.

Ofícios⁹, que não os da burocracia do Estado, mas sim, os mecânicos a partir do trabalho manual, do artesanato, ocorre, neste primeiro momento (Brasil Colonial) nos diversos espaços de reprodução social e do trabalho, e é possível identificá-los junto aos engenhos, aos colégios, à mineração e à ribeira, a fim de estimular as potencialidades econômicas essenciais daquele contexto histórico.

No primeiro, o engenho, os trabalhadores de ofícios mecânicos se distribuía entre negros escravizados e entre, os considerados homens livres (os trabalhadores pobres e assalariados neste período no Brasil), onde executavam as atividades nas plantações de cana

⁸ A escravidão no Brasil perpassa por três séculos, de XVI ao XIX

⁹ As diferenças entre os oficiais (da governança da Justiça, da Casa Real) e os oficiais mecânicos residiam no duplo aspecto econômico e político de suas atividades. Enquanto os oficiais mecânicos eram produtores, os oficiais não o eram: enquanto estes estavam a serviço do Estado, aqueles constituíam uma classe dominada econômica e politicamente. (CUNHA, 2005, p. 28)

de açúcar através da utilização da enxada e da foice, e de todo o processo de beneficiamento do produto nas casas de moendas. Todo o processo produtivo do açúcar não se fazia por si só, dependia da força de trabalho de lavradores para o cultivo, de carpinteiros para a confecção das peças de madeira utilizadas na produção, serralheiros e caldeireiros (CUNHA, 2005, p. 30).

Nas cidades, os colégios jesuíticos se responsabilizavam pela promoção da formação de trabalhadores especializados em vários ofícios, visto que

Na organização da Companhia de Jesus havia os padres, dedicados diretamente ao trabalho religioso, e os irmãos coadjutores, empregados no desempenho dos mais diversos ofícios, em apoio daqueles, nas tarefas domésticas (cozinheiros, dispenseiros, roupeiros, porteiros), nas tarefas religiosas (sacristãos) e nos ofícios mecânicos (alfaiates, sapateiros, pedreiros, ferreiros, enfermeiros, etc.). (CUNHA, 2005, p. 32)

Este grupo de jesuítas encontraram no Brasil uma facilidade para ensinar e profissionalizar os sujeitos, diferente da Europa onde tinham que contratar trabalhadores para torná-los oficiais. Pela falta de artesãos disponíveis nas cidades do país, tomaram como aprendizes os negros escravizados, os homens livres e os indígenas para lhes ensinarem suas habilidades técnicas e produtivas. “A carpintaria parece ter sido a principal atividade dos irmãos-oficiais”, mas não era exclusividade, havia também a ferraria nas oficinas dos colégios espalhados pelo Brasil, os pedreiros, as olarias, a tecelagem, os “pintores de tetos, quadros, altares e bandeiras” (CUNHA, 2005, p. 33).

Para além dos colégios jesuíticos e seus domínios técnicos relacionados aos mais variados ofícios mecânicos, estes também estavam presentes nas cidades onde a mineração era a principal atividade econômica: os fundidores, ourives etc. E também nas ribeiras [de acordo com Cunha (2005, p. 38), estava relacionado à carreira da construção naval], sobretudo nos arsenais da marinha de importantes cidades como o Rio de Janeiro e nos estados do Pará e Maranhão, estavam presentes os ofícios de carpinteiros, ferreiros, fundidores de cobre, pintores tecelões, pedreiros, entre outros. Vale ressaltar que a promoção/realização destes ofícios de ribeira não correspondia a regulamentações corporativas, tal qual ocorria em outros espaços de reprodução social do trabalho realizado nas cidades, porque “os arsenais eram, assim, um território livre do controle monopolístico exercido pelas corporações sobre a produção artesanal-manufatureira, até nos ofícios mais institucionalizados, como o de carpinteiro” (CUNHA, 2005, p. 39).

As institucionalizações dos ofícios se davam a partir do estabelecimento de regras que regulavam o trabalho realizado pelos ofícios mecânicos, o que deveriam produzir, quais deveriam participar do mesmo grupo, como deveriam comercializar seus produtos.

Geralmente estas normas se desenvolviam dentro das corporações onde os ofícios tinham relações religiosas e foram, também, chamadas de Bandeiras, como apresentou Cunha (2005, p. 43), destacando uma hierarquia nas relações estabelecidas entre eles como é possível identificar no quadro 01.

Quadro 01: Bandeiras de ofícios

Bandeira do Ofício	Ofícios “cabeça”	Ofícios anexos
São Jorge	barbeiros de barbear e de guarnecer espadas	ferradores, bate-folhas, ferreiros, fundidores de cobre, douradores, serralheiros, cutileiros, espingardeiros.
São José	pedreiros e carpinteiros de casas	canteiros, ladrilheiros e violeiros.
Nossa Senhora da Encarnação	em igualdade de posição: carpinteiro de móveis, entalhadores, coronheiros	Inexiste

Fonte: Cunha (2005, p. 43). Org.: SANTOS, J.P.C., 2020.

O fato é que esta hierarquia representava, também, subordinação de uns sobre os outros: aqueles que se achavam na posição de cabeça tinham um prestígio social maior do que os que se encontravam como anexos àquele grupo.

Trabalhar a partir do ofício necessitou, como já supracitado, que muito se fizesse para que as pessoas que residiam no Brasil pudessem se especializar em alguma profissão para atender às necessidades imediatas para a economia da época. Esta condição, por sua vez, perpassa no tempo e no espaço e sua importância aumenta à medida que aumenta também a população das cidades, com isso a forma burocrática de se realizar o ensino deles para a efetivação de seus trabalhos. Então o ensino de ofícios, para além das corporações e colégios jesuíticos, se realizou nos arsenais como aconteceu com os ofícios de ribeira, nos asilos e liceus.

O Estado passou a promover o ensino de ofícios manufatureiros, no Brasil, na medida da ampliação e diferenciação do aparato administrativo, judiciário, fiscal e militar, embora promovesse, paralelamente, a formação de força de trabalho manufatureira destinada a um circuito aberto, isto é, para além do seu próprio aparelho. (CUNHA, 1979, p. 4)

A incursão do Estado para a obtenção de profissionais qualificados para atender às necessidades do mercado contou com a criação de instituições organizadas para ofertar tais serviços. As casas de educandos artífices foram uma dessas instituições criadas e mantidas pelo Estado para atender a jovens pobres. Cunha (1979, p. 7 - 8), apresentou as principais casas estabelecidas durante as décadas de 1840 e 1860 (quadro 02).

Quadro 02: Estados brasileiros e ano de fundação das Casas de educandos artesãos

Estados	Ano de fundação
Pará	1840
Maranhão	1842
São Paulo	1844
Piauí	1849
Alagoas	1854
Ceará	1856
Sergipe	1856
Amazonas	1858
Rio Grande do Norte	1859
Paraíba	1865

Fonte: Cunha (1979, p. 7 - 8). Org.: SANTOS, J.P.C., 2020.

A oferta de ensino de ofícios mecânicos nestas casas era diversificada, entre os quais o de carpinteiro, ferreiro, alfaiate, marceneiro, sapateiro, maquinista, entre outros. Não muda a dinâmica presente nos asilos, destinados a órfãos e mendicantes, e liceus de artes e ofícios com disciplinas acadêmicas e técnicas, geralmente mantidos com a participação da sociedade. Os asilos, por exemplo,

[...] deveriam fornecer ensino elementar e, depois disso, selecionar os portadores de talentos especiais, para continuarem os estudos dos que mostrassem tão-somente aptidão para a aprendizagem de ofícios nas Forças Armadas ou nas oficinas públicas ou privadas. (CUNHA, 1979, p. 10)

Trabalhadores qualificados se formavam e exerciam sua profissão regulamentada pelo Estado nas diversas cidades do Brasil. Ao longo de todo o século XIX, bem como o século XX, ocorreram várias tentativas de promoção de escolas que visavam a profissionalização dos sujeitos. Isto pode se justificar pelo fato das alterações econômicas e tecnológicas mediante cobranças mercadológicas e, sobretudo pela expansão das indústrias pelo país, onde a demanda por oficiais se amplia, ao mesmo tempo em que se renova. Ofícios considerados tradicionais pela sua história e relevância social deixam de existir, pelo fato de não mais serem necessários diante das mudanças ocorridas com o desenvolvimento das forças produtivas e das mudanças na divisão social e técnica do trabalho, e deram lugar a outros considerados modernos.

Historicamente o ofício vem sendo identificado como um elemento estruturante das organizações produtivas, o “lócus” onde se constroem os conhecimentos e o saber-fazer ligados às atividades do trabalho. Não obstante as transformações relativas à mecanização ocorridas no século XVIII, e a industrialização do século XX, a noção de ofício parece guardar, ainda hoje, o sentido de prática profissional artesanal, forjado em tempos remotos. (TOMASI; SILVA, 2007, p. 4).

Importa ressaltar, portanto, que a prática do ofício não se traduz pela sua dimensão artesanal por si só, o ofício é a forma de como o sujeito trabalhador manifesta o seu trabalho,

que é ontológico a seu ser. A sua desrealização enquanto forma de manifestação artesanal é provocada pela relação capitalista de produção que encontra nisto uma barreira, como Harvey (2013, p. 170) explicitou, para “acumulação do capital”, bem como, impede “a penetração das relações sociais capitalistas de dominação e subordinação dentro da produção”, ao mesmo tempo em que motiva o surgimento de novas “habilidades que permitam flexibilidade e adaptabilidade e, acima de tudo, que possam ser substituídas - que não são passíveis de monopolização” (HARVEY, 2013, p.170), ou seja, o próprio modo de produção cria mecanismos para poder subordinar o trabalhador independentemente de sua condição. É a sua lógica destrutiva!

Neste contexto, é importante saber que o percurso (não linear) estabelecido até aqui serve como condução para compreender como o trabalho realizado pelos ofícios mecânicos foram e continuam sendo importantes para o processo de reprodução social e espacial do sujeito trabalhador e, ainda mais, do capital. Ao mesmo tempo que desvela como estes ofícios foram capturados pelo modo de produção vigente para fazer cumprir suas demandas mais imediatas: a exploração do trabalho e a acumulação de lucros.

É possível, no entanto, constatar na atualidade a existência de ofícios, analiticamente, mecânicos e tradicionais que foram envolvidos pela trama do capital para continuar atuando em áreas relevantes para o seu cumprimento.

Ferreiros condicionados ao trabalho nas metalurgias; costureiros explorados nas fábricas de confecções; pedreiros submetidos nos canteiros de grandes obras da engenharia civil; sapateiros “escondidos” nos recantos das cidades em virtude da oferta da indústria calçadista; carpinteiros de móveis assalariados em fábricas, quando não, dependentes da influência externa para cumprimento de suas produções.

Esta situação, por sua vez, não é exclusiva para os sujeitos que em si desempenham seus trabalhos a partir do ofício, já que as próprias habilidades técnicas podem ser repassadas para sujeitos trabalhadores que não têm relação proximal com o ofício, não o foi passado de geração para geração, eles apenas tomam as práticas do ofício como um emprego que vai lhe gerar uma renda para socialmente reproduzir-se, o que não os impedem de dispensar suas atividades e realizarem novos empregos, como acontece na carpintaria de móveis em Itabaiana.

Na carpintaria, por exemplo, os oficiais estiveram presentes em diversos espaços de produção, realizaram vários serviços e se submeteram às relações de assalariamento. É um ofício que perpassou no tempo, suprindo necessidades do mercado capitalista, obrigados a serem subjugados às novas técnicas e tecnologias de produção e permanece.

MOVIMENTO, PERMANÊNCIA E TRABALHO DO OFÍCIO DA CARPINTARIA

Os ofícios mecânicos considerados, por ora, tradicionais, permanecem atuando na contemporaneidade sob uma ótica mediada pelo capital. Ferreiros, pedreiros, sapateiros, entre outros, imbricados numa relação mercadológica, ora autônomos, ora vendedores de sua força de trabalho.

Trabalhadores de ofícios que autonomamente desempenham suas funções nas suas oficinas, com seus ajudantes, produzindo materialidades com valores de uso. Ao mesmo tempo, também, aqueles que se acham na condição de submissos ao trabalho assalariado em unidades de produção capitalistas.

É o movimento do trabalho provocado pelas relações capitalistas ao apropriá-lo do próprio trabalhador para produzir valor e, à medida que vai se reproduzindo também vai transformando as formas de organização e produção do trabalho. Ofícios capturados que partem de um trabalho artesanal e individual para a sua socialização corporativa, manufatureira e industrial.

Destarte, é importante não perder de vista, portanto, que falar em ofício mecânico tradicional num contexto histórico contemporâneo onde existem várias formas de trabalho cada vez mais precárias e inconstantes condicionadas pela ação corrosiva do capital, não é questão de saudosismo, mas sim de uma necessidade de compreender como o trabalho realizado por eles continua sendo relevante para a reprodução social e do próprio capital. Trabalhos que não foram dispensados para dar lugar a outros, mas que readequados às suas exigências. Então, o movimento e a permanência deles são pertinentes à análise.

Dessa forma, a carpintaria, um ofício da madeira esteve presente em vários espaços de reprodução social do trabalho, se manifestou na materialidade produzida com a referida matéria-prima através de conduções (como carros de bois, charretes e carroças), de estruturas para a produção de alimentos (como as moendas de cana de açúcar), os madeiramentos para telhados, as artes sacras (estátuas, altares, quadros), as embarcações (barco, canoas, etc.), mobiliário em geral. Entre as tramas do modo de produção vigente, se ramificou para se reproduzir. É o ofício que ganhou espaço nas corporações, nas manufaturas e na indústria, e contribuiu para a produção do espaço geográfico, tecendo relações de produção econômica e social.

A carpintaria revelou formas e conteúdos no campo e na cidade. Mas de onde emerge a carpintaria, e como ela se configura ao tecer relações entre sujeitos e a natureza ao longo

do tempo? Em *Entalbes com tradição*, Cardoso (2019, p. 58), apresenta etimologicamente do que se tratava este ofício.

A palavra “carpintaria” ou “carpentaria” provém do latim *carpentum*, que resulta da palavra composta “carro” e o sufixo “aria”. Assim como a carpintaria, a palavra “carpinteiro” (carpenteiro) advém do latim *carpenterius*, homem que fabrica carros, e de *carpentum*, carro.

“Em francês, o carpinteiro é designado por *charpent*, *charpentier* ou *carpentier* e era atribuído aos artesãos que cortavam, erigiam, montavam e colocavam em prática as obras estruturais de uma edificação” (CARDOSO, 2019, p. 58). É onde ganha espaço, a princípio, na construção de habitações e de outras estruturas menos exigentes comparada à confecção de móveis. Contudo, “para além da estrutura dos edifícios, os carpinteiros também construíam maquinaria capaz de levantar pesos para a construção de pontes, diques, etc.” (CARDOSO, 2019, p. 59).

É um ofício que está posto como “integrante das técnicas tradicionais” (KATINSKY, 1965, p. 521), onde sua apreensão enquanto trabalho se processa “através da imitação, pela mimese no trabalho” e “dos materiais e das rígidas organizações de trabalho (KATINSKY, 1965, p. 522-523). Representa um trabalho que, a princípio se configurava como artesanal, atendendo às demandas específicas da sociedade, posto em coletivização a partir do momento em que é condicionado aos ditames das diferentes organizações do trabalho em tempos pretéritos como na corporação e na manufatura.

O trabalho do ofício da carpintaria passa a “encabeçar” corporações presentes na Europa, e transita para o Brasil a partir da necessidade de se articular formas de produção de profissionais qualificados para atender às demandas do nascente país. As análises realizadas por Cunha (2005) sobre o ensino de ofícios artesanais no Brasil comprovam isso, ao passo que identifica que a carpintaria estava presente nos mais diversos espaços de produção, no campo e na cidade, como nos engenhos com as estruturas de madeira para beneficiamento da cana de açúcar, as moendas; nas casas de farinha representado pelo trabalho embutido na prensa (figura 01); nas minas com construção de obras públicas; nas ribeiras, as várias embarcações.

Figura 01: Prensa para fazer farinha de mandioca.



Fonte: Acervo do Museu Afro Brasil, [set.]. SANTOS, J.P.C., 2019.

Além disso, o ofício era um dos mais importantes dentro do quadro de ensino jesuítico, que transmitia o conhecimento prático da técnica complexa que se desdobrava da carpintaria. A respeito disso, Leite (1953, p. 45, apud CUNHA, 2005, p. 33), sinaliza para a dimensão do poder da carpintaria ensinada e praticada por seus trabalhadores nas cidades do Brasil.

Que produziam estas carpintarias do Brasil sobretudo as das cidades maiores? Além dos grandes madeiramentos das igrejas e colégios, e cavername e aparelhagem da indústria naval, e da obra de talha dos altares e dos artefatos comuns de utilidade imediata ou até industrial (aparece um irmão tonoeiro), havia dois irmãos que lavravam mobiliário artístico e marcenaria fina; lavravam-se credências, consolos (de igreja e de salão), retábulos, tocheiros, sacras; bufetes, aparadores, contadores, cadeiras de sola lavrada, arcas e arcazes com bronzes e embutidos de madeira coloridas, casco de tartaruga, mesas com gavetas tauxiadas e secretárias, papeleiras...

Depreende-se, por sua vez, a extensão da atuação da carpintaria para a produção de valores de uso que serão usufruídos pelas pessoas que assim demandarem. Grande parte das produções em madeira foi realizada por este ofício, por isso sua forma de organização era tão relevante para os trabalhadores no contexto das corporações, ao passo que eram embaixados para que pudessem participar da vida cidadina, das decisões políticas dos municípios, da vida religiosa, e para, também, determinar a autonomia do seu trabalho em

relação àqueles que estivessem sem regulamentação para exercerem legalmente sua profissão. Carpinteiros estavam associados à Bandeira de São José, sendo os carpinteiros de móveis anexos a ela, e estes encabeçavam a Bandeira de Nossa Senhora da Encarnação (CUNHA, 2005, p. 43), assim teriam independência na realização dos seus trabalhos.

Ao mesmo tempo em que iam se organizando de uma maneira mais institucionalizada, iam também se especializando em determinadas áreas do ofício: artes sacras, molduras para quadros, móveis. Com isso “os ofícios de carpintaria foram sofrendo alterações ao longo do tempo, reconfigurando-se” (MARTINS, 2017, p. 260), e foram emergindo ramificações deste que é o mais antigo ofício da madeira.

Uma das ramificações mais bem sucedidas da carpintaria, foi a marcenaria que tem como principal função o desenvolvimento de estruturas mobiliárias. Cardoso (2019, p. 60), faz referência a esta ramificação ao citar que

Uma das maiores alterações na Comunidade dos carpinteiros franceses consistiu na divisão dos “carpinteiros do grande machado” (...), artesãos que executavam as obras de carpintaria propriamente dita, destinadas à construção civil e os “carpinteiros do pequeno machado” (...) que a partir do século XV foram nomeados de *menuisiers* (marceneiros em português) devido à execução de obras mais delicadas e de proporções mais modestas.

Cardoso (2019, p. 58 - 59), explica que esta cisão aconteceu pelo fato de existirem tensões entre os trabalhadores carpinteiros em definir o que produzir, fato que corroborou com a formação de bandeiras diferentes para eles. Nesta condição, pelo fato de a marcenaria ter sido considerada uma “carpintaria artística” (CARDOSO, 2019, p. 68), e “sendo a carpintaria a arte mais antiga a trabalhar a madeira é legítimo afirmar que a marcenaria é uma extensão da carpintaria assim como a “ebanisteria” o é da marcenaria (CARDOSO, 2019, p.71). O que não anula a efetividade do ofício da carpintaria, pois “até um dado momento, o título admitido era o de carpinteiro, mas com o aumento do fabrico de móveis, os trabalhadores e os chefes das oficinas começaram a especializar-se de acordo com os objetos que executavam habitualmente” (CARDOSO, 2019, p. 70).

Trabalhadores da produção moveleira do município de Itabaiana tecem suas observações a respeito da cisão o ofício maior (a carpintaria), alegam disparidades e semelhanças, negam e ratificam a marcenaria como sendo uma especialidade daquele, como é possível identificar no quadro de referências 03¹⁰.

¹⁰ Parte das informações contidas neste quadro são temporalmente recentes como o uso da placa de madeira reconstituída *Medium-density fiberboard* (MDF), bastante utilizada entre os “carpinteiros de móveis” de Itabaiana, por uma exigência mercadológica.

Quadro 03: Depoimentos sobre carpintaria e marcenaria

Entrevistado	Idade (anos)	Depoimentos (editados ou não)
A.M.P. (2020)	32	“Eu acho que marcenaria puxa mais pra questão, assim, de fazer móveis de MDF, tipo: armário, guarda-roupa. E carpintaria, tipo, banco de madeira, tudo puxado à madeira, madeira maciça. Acho que seja essa a diferença.” Ao ser problematizado sobre a primeira ser uma possível especialização da segunda, disse: “(...), acho que sim! Uma especialização moderna da carpintaria. (...), eu acho que a marcenaria, realmente pegou os projetos da carpintaria e modernizou com materiais novos, máquinas, tudo...”
M.P.M. (2020)	37	No início de sua fala, o entrevistado se confunde ao mencionar a sobre a adequação de certos profissionais da marcenaria à carpintaria: “A marcenaria ela se adequa mais a uma carpintaria, que uma carpintaria a uma marcenaria. Por que? Isso, digo assim... pessoas que trabalharam... como no meu caso, que trabalhou há muito tempo atrás, porque muito tempo atrás existe tipos de trabalho, de função de montagem de móveis que marceneiro, hoje, se ele entrar numa carpintaria ele desenvolve rápido. Hoje, não! Hoje, um marceneiro..., vou botar assim..., hoje um marceneiro de 8 anos, 10 anos que trabalha só na marcenaria, pra ele ir pra uma carpintaria é totalmente diferente, um marceneiro recente... agora um marceneiro antigo, ele não sofre tanto não, porque o trabalho de antigamente é praticamente a mesma coisa, quase a mesma coisa da carpintaria..., que carpintaria só trabalha só com madeira”. Além disso, ressaltou as técnicas, máquinas e ferramentas são semelhantes.
J.S.S. (2020)	43	Ressaltou que as semelhanças estão assentadas nas técnicas como o encaixe, nas ferramentas como o formão, a goiva, o martelo e o serrote, padrão de medida, o uso da madeira, o maquinário. Ele considerou que a marcenaria é uma especialização da carpintaria.
W.R.C. (2020)	28	“(...), a máquina da carpintaria ela é um maquinário mais pesado... Com os anos a marcenaria foi se distanciando da carpintaria, porque carpintaria era uma linha de produção em série... aquele negócio mais padronizado, aquela coisa mais grosseira e os móveis foi se destacando com o tempo, assim, questão de <i>design</i> , de acabamento, de material diferente. Já não se fabrica mais... quase não usa madeira em móveis, é mais MDF, usa muito acessório. Antigamente as gavetas era só de madeira, botava aquela madeirinha embaixo, ela corria ali em cima mesmo, hoje em dia já tem um acessório... aí a marcenaria teve que se distanciar por causa disso da carpintaria.”
R.R.S.G. (2020)	34	Concordou com a possibilidade de a marcenaria ser uma especialização da carpintaria para o fabrico de móveis, e explanou que a carpintaria é “peça-chave” para a compreensão destes ofícios da madeira.
D.S.M. (2020)	29	Ao ser questionado sobre a relação da carpintaria com a marcenaria, respondeu que “um complementa o outro”, mas disse que o primeiro tem trabalhos mais “grosseiros” que o segundo. Ponderou que é importante ter noção de carpintaria para realizar a marcenaria.
M.M.S. (2020)	23	“(...), tem bastante semelhança, né?... a marcenaria, acho que ela foi criada através da carpintaria... porque antigamente era tudo em madeira, não tinha nada como tá hoje, MDF, material muito pronto, praticamente você só faz cortar e montar... hoje já não tem muito a ver com a carpintaria... porque hoje quase a gente não trabalha com madeira... antigamente se era carpintaria era marcenaria... fazia tudo em um ambiente só, hoje não, hoje é separado.” O entrevistado também ratificou a ideia de a marcenaria ser uma especialização da carpintaria.
R.J.S. (2020)	60	“(...), a marcenaria, no meu tempo, que eu iniciei meu trabalho de carpintaria, marcenaria, no entendimento da gente, só fazia móveis e a carpintaria faz tudo... móveis, porta, carroceria...” Ao ser questionado se a marcenaria poderia ser uma especialização da carpintaria no seguimento moveleiro o entrevistado respondeu de forma afirmativa e disse: “(...), você tem que passar pela carpintaria para você entrar na marcenaria...” Reforçou, tendo isto em vista, que é comum acontecer o processo de migração de ofícios.
M.S.F. (2020)	39	“(...), carpinteiro trabalha com madeira maciça e marcenaria, hoje, não trabalha mais com madeira maciça...”. Ressaltou que as possíveis diferenças estão na

		facilidade do segundo e na complexidade do primeiro, a diferença está no modo de trabalho. Destacou as semelhanças técnicas, e afirmou que carpintaria produz móveis. “A parte da carpintaria, como a gente sempre costuma falar é uma coisa mais rústica, é uma coisa mais antiga, porque é uma coisa que trabalha com madeira... telhado, carpinteiro que faz. Quer dizer, aí eles foram, tipo, tentando aperfeiçoar mais e esse serviço foi ficando mais aperfeiçoado, onde passaram a fazer porta, esse tipo de coisa, móvel de madeira, tipo cadeira... aí, foi onde surgiu a marcenaria... que se especializou no móvel, agora um móvel mais fino, mais moderno, mais trabalhado...”
M.R.S. (2020)	42	Expressou que a marcenaria faz móveis e carpinteiro faz objetos mais rústicos, sem perder de vista a produção moveleira. Disse que a diferença do móvel de uma para outra está no material (tipo de madeira, sobretudo); atentou para o maquinário, destacando que o da marcenaria é menos complexo que o da carpintaria, e ressaltou que as técnicas usadas em uma, estão, também, na outra (ou parte delas).
J.V.R.L. (2020)	54	Reforçou semelhanças entre carpintaria e marcenaria sobretudo no que tange as técnicas.

Fonte: Pesquisa de campo, [out., dez.]. (SANTOS, J.P.C., 2020)

Nota-se, portanto, que a maior diferença, de acordo com os entrevistados em pesquisa de campo, entre a carpintaria e a chamada marcenaria está na matéria-prima que é processada para a produção do móvel. Eles acabam alocando a madeira maciça para a carpintaria e as placas de madeira reconstituídas para a marcenaria. A matéria-prima é peça-chave para essa diferenciação, se analisados os depoimentos citados.

Em pesquisa de campo, M.S.R. (entrevistado em pesquisa de campo, 2020), foi questionado se a carpintaria influenciou/influência o trabalho da marcenaria, e ele respondeu negativamente, mas se contradisse em seguida, ao afirmar que a segunda é utilizada uma gama de técnicas (como esquadros) presentes na reprodução do trabalho da primeira, proporcionando o seu desenvolvimento e o espaço que ganhou para a produção deste setor.

É inegável a necessidade do trabalhador marceneiro em compreender o universo das relações de produção e do trabalho da carpintaria. Os trabalhadores que se dedicam à marcenaria atualmente, foram, em algum momento de sua história com o trabalho, praticantes dos afazeres “grosseiros”, como ressaltados pelos entrevistados, da carpintaria. Ou seja, “migram” (R.J.S. entrevistado em pesquisa de campo, 2020), de uma para outra como foi o caso de A.O.C. (entrevistado em pesquisa de campo, 2019), que teve seu conhecimento prático, resultado da influência intergeracional, condicionado a uma relação de trabalho assalariada exercendo as atividades da carpintaria por “cinco anos numa fábrica de carroceria de caminhão” no referido município, e “há 10 anos trabalha com a produção de móveis”, comumente relacionado à marcenaria.

Assim sendo, é imprescindível conhecer o funcionamento, a prática do trabalho, as técnicas, as habilidades empregadas pelo ofício da carpintaria, para que o trabalho, na chamada marcenaria (a especialização em móveis da carpintaria), seja desenvolvido com

exatidão, com presteza, a fim de o trabalhador estar apto a compreender e produzir os móveis com maior esclarecimento sobre tais processos.

[...], tem gente que vai trabalhar que não pega essa oportunidade para aprender da carpintaria. Ele já passa a trabalhar tudo da marcenaria. Aí, quer dizer, muitas vezes ele faz um móvel de MDF, mas se ele for pegar um móvel, pra chegar e dizer bem assim: vou fazer uma cadeira, fazer uma cama que é mais parte madeira, ele não faz. Hoje em dia existe essa diferença, existe a qualidade e também tem a mão-de-obra diferenciada. Porque se você pegou da parte da carpintaria, você faz todos os tipos de móveis, mas se você pegar só a parte da marcenaria, nem todos você vai fazer... [M.S.F. entrevistado em pesquisa de campo, 2020].

Uma e outra se imbricam. Estão em constante simbiose, o que permite a sua reprodução social mediante às determinações das relações capitalistas que acabaram por criar tais cisões no referido ofício.

Estas cisões se revelam como uma necessidade do capital, por ora emergente, para atender, de uma maneira mais sistematizada, às demandas dos mercados (seja do século XV na França, seja na atualidade). Esta situação permite reportar a Marx (2017, p. 413), quando explica sobre a decomposição dos ofícios artesanais capturados pelo capital na organização do trabalho manufatureiro, cuja finalidade era aumentar a produção e acumular lucros, condição que se assemelha com o caso da carpintaria, em sê-la decomposta para diversificar sua reprodução e ampliar os seguimentos produtivos dela. Que diferenças, então, as fazem existir?

Se o carpinteiro leva a cabo o seu empreendimento no canteiro de obra da construção, o marceneiro realiza sua arte, em geral, na oficina. O marceneiro se diferencia por utilizar madeiras mais macias e maleáveis, próprias para o torneado e os pequenos entalhes; emprega ferramentas de maior precisão e se preocupa com o acabamento delicado e belo dos materiais, podendo ser diferenciado do carpinteiro, sobretudo, pelos objetos que fabrica, em geral, móveis e peças decorativas. Em outras palavras, se distingue do carpinteiro pelo modo mais minucioso e demorado de trabalhar a madeira. (FÍGOLI; GADELHA, 2012, p. 121).

A diferença, quiçá a semelhança, está na forma como se apropria da madeira, mas, é a carpintaria que cria as possibilidades para a existência de um ofício semelhante a ela. Compreender a marcenaria por si só, é negar a história e as diferentes formas de reprodução do ofício da carpintaria ao longo do tempo, é negar os diferentes contextos geográficos e as exigências do capital que provoca a cisão do trabalho para igualar condições de exploração dos trabalhadores. A marcenaria nada mais é do que uma “carpintaria especializada”, é o amálgama dela.

(...) por vezes a marcenaria é vista como uma subdivisão da carpintaria, uma das mais antigas práticas construtivas da humanidade. Noutras tantas,

como sua filha sofisticada – a boneca dentro de outra boneca, a filha dentro da mãe. Independentemente do grau de parentesco, o fato é que a primeira herdou da segunda o método construtivo. (ANDRADE, 2012, p. 21)

Para além das “heranças”, a carpintaria foi quem criou as bases do conhecimento prático, do apanhado técnico com o trabalho com a madeira, daquilo que ficou compreendido como marcenaria, que é uma ramificação do ofício guarda-chuva e que não se limita a ela.

Na segunda metade do século XVIII, (...), através dos regimentos, que os carpinteiros lisboetas estavam divididos em carpinteiros de carruagens; carpinteiros de jogos de carruagens; carpinteiro de caixa de carruagens e carpinteiros de móveis e samblagem. (MARTINS, 2017, p. 260 - 261)

No Brasil, esta condição de cisão não é diferente. A carpintaria se desenrola através de outras especificidades que foram convenientes para produção espacial do país. Neste sentido, Katinsky (1965, p. 533 - 534), traz alguns exemplos: “carpintaria de edificações”, mais destacada em primeiro momento; “carpintaria de máquinas” para o cultivo agrícola, sobretudo; “carpintaria naval” nos estaleiros, nas ribeiras espalhadas pelo território.

Deste modo, constata-se a relevância da carpintaria no desenrolar de suas ramificações, tal qual para a marcenaria, já que parte da releitura da carpintaria de móveis, sem generalizar para o caso de existir “sobreposição das funções” (BRANDÃO, 2013, p. 412).

Na atualidade o ofício da carpintaria de móveis é, também, conceituado como marcenaria, o que não perde em si a essência daquele. É o trabalho com a madeira; a utilização das diversas ferramentas manuais como a plaina, que auxilia o trabalhador no alinhamento de laterais de tábuas e outros acabamentos; são as técnicas adotadas como a samblagem que diz respeito aos encaixes entre partes das peças de madeira na produção de um móvel, entre outros, que vão nortear o trabalho do carpinteiro de móveis no novo contexto em que está inserido.

Madeiras, ferramentas e técnicas vão dar condição para a realização do trabalho destes carpinteiros na produção de móveis que vão revelar uma dinamicidade histórica e geográfica, uma discussão que assinala uma desigualdade de usos, um consumo especificado (ontem e hoje), que enaltece uma divisão de classes acentuada no capitalismo e oculta o processo de trabalho, por vezes naturalizando-o. É o anverso e verso do mobiliário, é a forma que tem a potencialidade de revelar a quem serve o seu uso. Em *Da construção à montagem*, Andrade (2012, p. 37), faz menção a esta situação, reportando o período colonial do Brasil ao afirmar que os

(...) móveis mais sofisticados, como cadeiras, tinham o endereço certo: a corte, o clero ou os primeiros proprietários de fazendas e engenhos. O interior das habitações abrigava pouquíssimos itens do que consideramos, hoje, a mobília básica de uma casa. Mesas de comer ladeadas por bancos toscos, mesas de trabalho a cozinha, tamboretos, caixas de guardar mantimentos, arcas de guardar roupas e catras, quando se os tinha em substituição às redes e esteiras. Móveis, mesmo os mais simples como os tipos mencionados, eram caros e constituíam patrimônio, o que justificava sua inclusão nos inventários e testamentos. A popularização de seu uso, em nossos dias, ocorreu porque foram transformados em bens de consumo numa economia capitalista, ao mesmo tempo que se desenvolvia a técnica de sua produção.

Eram móveis que supriam a necessidade mais básica da casa, e a diferença de utilização entre as classes era definida de acordo com a sua dimensão técnica, produtiva e pelo valor agregado. Móveis com um certo requinte no que tange às técnicas mais rebuscadas no trabalho com a madeira, destinados às pessoas de posses como os senhores de engenho (Figura 02).

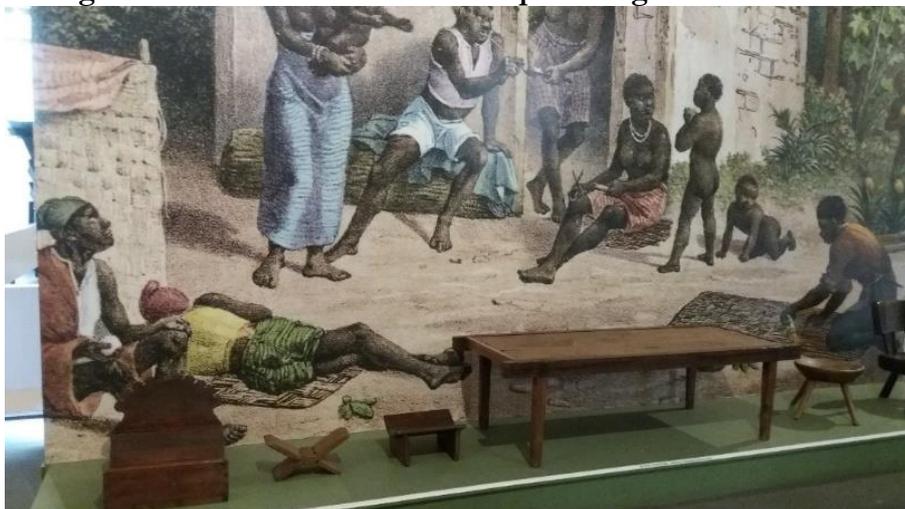
Figura 02: Cômoda com colunas estriadas, século XIX, modelo neoclássico. Acervo do Museu Costa Pinto.



Fonte: FLEXOR, 2009, p. 95.

Em contraste os móveis mais rústicos e com menor valor agregado, serviam aos sujeitos menos abastados, como é possível constatar na figura 03.

Figura 03: Móveis rústicos usados pelos negros escravizados



Fonte: Acervo do Museu Afro Brasil, [set.]. SANTOS, J.P.C., 2019.

Esta situação não difere da atual, permanece a diferenciação do consumo de móveis produzidos nas oficinas entre as diferentes classes. A sua popularização não suprimiu seu acesso desigual, visto que o consumo pode nem existir por alguns sujeitos sociais. Deste modo, é válido questionar a quem serve a produção moveleira produzida nas oficinas em Itabaiana? A resposta pode ser evidenciada no quadro 04.

Quadro 04: Perfil de consumidores dos móveis das carpintarias

Entrevistado em pesquisa de campo	Idade (anos)	Depoimento (editado ou não)
A.M.P. (2020)	32	Afirmou atender a um grupo de clientes de classe média ¹¹ baixa, onde 90% deles fazem o pagamento ¹² da mercadoria à vista e 10% solicitam pagamento via cartão de crédito.
M.P.M. (2020)	37	Tem como público alvo um grupo da classe média. Reforçou que “considerando um valor de um móvel hoje, se ele quiser mobiliar uma casa no porte dos móveis deste tipo que eu faço, dependendo, pode chegar a 50, 60... quer dizer, não é uma pessoa que tem aquele salário fixo baixo que vai comprar isso. Vai comprar, agora vai demorar tempo.”

¹¹ O perfil dos consumidores definidos pelos entrevistados como classe média está relacionado àquele grupo de sujeitos que se manifesta com condições materiais de existências que lhes permitem se reproduzir socialmente de uma forma menos inacessível comparado aos trabalhadores assalariados com um pequeno salário.

¹² Somente após o término desse prazo o comprador obtém efetivamente o valor de uso da mercadoria. Ele a compra, portanto, antes de tê-la pagado. Um possuidor de mercadorias vende mercadorias que já existem, o outro compra como mero representante do dinheiro ou como representante do dinheiro ou como representante de dinheiro futuro. O vendedor se torna credor, e o comprador, devedor (MARX, 2017, p. 208)

J.S.S. (2020)	43	Destacou que seus consumidores são de classe média-alta, que pagam à vista, com cheque ou cartão de crédito os móveis que compram em sua oficina.
W.R.C. (2020)	28	O perfil de seus consumidores é de classe média-baixa, e pagam pelos produtos à vista ou com cartão de crédito.
J.A.B.S. (2020)	48	Ressaltou que costuma atender uma clientela de classe média.
R.R.S.G. (2020)	34	Atende a um perfil de consumidores de classe média. Ao ser questionado sobre a ausência de consumo dos móveis que produz por meio de sujeitos que não têm uma condição financeira para tal, destacou: “..., mas tudo é questão de vontade. Tipo, hoje você pode fazer um quarto bacana por 6 mil reais... se você ter vontade de ter aquele negócio, você vai atrás. Vamos supor: se um quarto componível desse vai dar 4, e o da gente 6, compensa comprar o da gente por 6. Você dá uma entrada, parcela o resto, se programa certinho que dá.”
M.M.S. (2020)	23	Afirmou que pelo valor dos móveis, atende a uma classe média.
J.V.R.L. (2020)	54	Expressou que atende a uma diversidade de pessoas, e reforçou que nem todos podem comprar móveis nas oficinas, visto a dificuldade de eles ter um poder aquisitivo que possibilite tal tomada de decisão.

Fonte: Pesquisa de campo [out., dez.]. (SANTOS, J.P.C., 2020)

Nota-se, por sua vez, que a mercadoria móvel é, também, fetichizada, como todas as outras que são produzidas no interior do modo de produção em curso, revelando um consumo desigual e contraditório.

Destarte, a compreensão do trabalho dos carpinteiros de móveis de Itabaiana que se realiza em oficinas e indústrias, revela a complexidade técnica embutida no trabalho, a intensificação de sua divisão, a submissão de trabalhadores carpinteiros, bem como a captura do ofício na articulação do capital.

Esta articulação pode ser evidenciada pela adoção dos mecanismos técnicos de maiores precisão, uso de estruturas de madeira com o emprego de tecnologias consideradas modernas, bem como o incremento de um maquinário que tem facilitado o trabalho, acelerando o seu processo e aumentando a produção, sem perder de vista as contradições.

Ressalta, por sua vez, que o processo de trabalho pautado nestas condições se estrutura nos diversos espaços das carpintarias de móveis distribuídas no município, onde 100% deles se configuram como pequenas oficinas que concentram um contingente diminuto de trabalhadores multifuncionais (pesquisa de campo, 2020), e também duas indústrias [de pequeno porte, mas que exercem uma influência mercadológica relativamente expressiva em Itabaiana (I.M.1.; I.M.2., pesquisa de campo, 2020)] que, além de capturar este ofício, apropria a força de trabalho para desenvolver a produção moveleira.

A reflexão sobre o processo de constituição do trabalho de ofício e de mudança na organização produtiva do trabalho ao longo do tempo é relevante, ao passo que importa compreender as razões que têm orientado o município de Itabaiana a se destacar neste ramo

produtivo pelo fato de possuir um quantitativo relevante de unidades produtivas, de compor um amplo mercado consumidor que o faz estender sua zona de influência sobre municípios internos e externos ao estado de Sergipe. Do mesmo modo oportuniza analisar as relações de trabalho a partir do ofício – a linha tênue entre a autonomia e a submissão, o assalariamento e a jornada de trabalho, as condições de reprodução social do trabalho –, a fim de apreender as contradições e demais meandros junto à totalidade do trabalho da carpintaria de móveis em Itabaiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho é o principal mecanismo pelo qual os sujeitos sobrevivem e se reproduzem. É o meio que dá sentido às suas vidas. E por meio dos ofícios, do conjunto de habilidades, do conhecimento prático-técnico, este trabalho proporciona a produção e transformação dos espaços. Ofício e trabalho são, portanto, inerentes já que o trabalho é categoria fundante da existência humana. E neste contexto, o capital tece sua teia para capturar o ofício com a finalidade de produzir mercadorias e valor por meio da exploração da força de trabalho dos sujeitos envolvidos nos setores produtivos a ele correspondente.

No tempo e no espaço estas relações se desdobram, se perpetuam, reconfiguram-se, e o capital amplia seu domínio e seus lucros. É errôneo negar os ofícios mecânicos, porque foram eles que produziram as principais formas e conteúdos necessários, pelo menos dentro da lógica produtiva da sociedade colonial, imperial e no emergir da sociedade industrial, para a sociabilidade existente tanto no campo quanto na cidade. Homens e mulheres (muito pouco evidenciadas pela literatura, pelo fato de ideologias dominantes formularem uma consciência masculinizada sobre estas formas de trabalho), que se dedicaram a trançar, modelar, costurar, lavrar madeira, e que continuam na contemporaneidade condicionados sobre novas determinações.

Destarte, o presente artigo procurou evidenciar formas de trabalho podendo ser consideradas pré-capitalistas, produziam espaços em sua totalidade, e suas relações perpassaram no tempo, assumindo novas configurações para reprodução pautada sob a lógica da exploração do trabalho no intercâmbio da sociedade com a natureza. À medida que se desenrola o desenvolvimento das forças produtivas e as mudanças na organização do trabalho se constituem, alguns ofícios deixaram de existir, enquanto outros permaneceram para suprir as necessidades da sociedade em determinados contextos histórico-geográficos.

As determinações do modo de produção capitalista romperam com a autonomia do trabalhador de ofício em suas atividades, no uso dos instrumentos de trabalho e dos espaços de produção. Situação que se manifesta, intensamente, no ofício da carpintaria ao se ramificar e ampliar seu leque produtivo, como no caso da marcenaria – uma especialização da carpintaria, uma carpintaria de móveis – que se dedica, sobretudo, a usufruto de instrumentos produtivos mais modernos para a confecção de seus objetos. Estes novos aparatos técnicos se constituíram reveladores da dimensão fetichista do capital: primeiro, pela produção definida por uma teia de relações que complexifica a dinâmica deste trabalho, segundo, pela multifuncionalidade do trabalhador no processo, direto ou indireto, de submissão, terceiro, pela forma como ocorre o consumo – pautado na desigualdade.

É possível perceber, portanto, que o mote em questão apresenta uma complexa teia de relações resultantes da dinâmica do mundo do trabalho. Deste modo, sua análise não se manifesta como um saudosismo, ela é resultado da necessidade de compreensão de formas de trabalho pré-capitalistas presentes na contemporânea sociedade do capital, entendendo o movimento, o processo que levou à atual configuração destas atividades produtivas. Por isso, a apropriação da metodologia interpretativa da realidade, proporcionou a leitura do real-concreto do ofício da carpintaria e da carpintaria de móveis no recorte espacial supracitado. Itabaiana expressa tal realidade e permite a compreensão do movimento da história do mundo do trabalho, porque seu espaço também foi produzido mediante a promoção/exploração e desenvolvimento de uma série de ofícios como a carpintaria.

Deste modo, este artigo não representa uma simples revisão de literatura, ele vai além, por sua singularidade e complexidade, representando uma pesquisa densa que tentou lançar luz, despertar e reconhecer um tema que não é discutido pela Geografia e que merece uma aproximação mais íntima do mesmo, a fim de esmiuçar, junto com os sujeitos trabalhadores de ofício, a forma de reprodução do trabalho no emaranhado da lógica perversa do capital que não cessa de tramar suas armadilhas para capturar a objetividade e subjetividade dos trabalhadores de ofício e, sem dúvidas, da carpintaria.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Porfírio Valadares de. **Da construção à montagem**. Dissertação (mestrado). Escola de Arquitetura e urbanismo da UFMG. Belo Horizonte. 2012.
- BRANDÃO, Angela. Sobreposição de tarefas: uma leitura do Dicionário de Judith Martins. In: CAVALCANTI, Ana. OLIVEIRA, Emerson D. G. COUTO, Maria de F. M. MALTA, Monize (orgs.). **Anais do XXXIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. Campinas: Comitê Brasileiro de História da Arte - CBHA, 2013. p. 395 - 414.

Disponível em: < <http://www.cbha.art.br/coloquios/2013/anais/anais2013.pdf> >. Acesso em: 13/04/2020

CARDOSO, Cecília M. S. **Entalhes com tradição**: marcenaria e ofícios similares em Gondomar. Dissertação (Mestrado em História da arte, patrimônio e cultura visual). Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2019. Disponível em: < <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/124469> >. Acesso em: 13/04/2020

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. 2 ed. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: FLACSO, 2005.

_____, O ensino de ofícios manufatureiros em arsenais, asilos e liceus. **Fórum Educacional**, v. 3, n. 3, Rio de Janeiro, 1979. p. 3 - 47. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/fe/article/view/60512/58764> >. Acesso em: 07/04/2020

FÍGOLI, Leonardo H. GADELHA, Douglas F. Ofícios: permanências e transformações. In: CASTROLA, Leonardo Barci (coord.). **Mestres artífices de Minas Gerais**. Brasília, DF: Iphan, 2012. p. 55 - 143. Disponível em: < http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColCadMem_MestresArtificeis_MinasGer_ais_m.pdf >. Acesso em: 09/04/2020

HARVEY, David. **Os limites do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

KATINSKY, Julio Roberto. **O ofício da carpintaria no Brasil**: justificação para uma investigação sistemática. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo. 1965. Disponível em: < <http://www.periodicos.usp.br/revhistoria/article/download/126398/123290> >. Acesso em: 07/08/18.

MARTINS, João Furtado. Os carpinteiros na inquisição de Lisboa no século XVIII: trabalho, sociabilidades e cultura material. **Libros de la corte**, Monográfico 6, ano 9, 2017. p. 256 - 281. Disponível em: < <https://repositorio.uam.es/handle/10486/680077> >. Acesso em: 27/04/2020

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política: livro 1: o processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. 2 ed., São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

ROMERO, Daniel. **Marx e a técnica**: um estudo dos manuscritos de 1861-1863. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

TOMASI, Antônio de P.N. SILVA, Ivone M.M. Ofícios de ontem e ofícios de hoje: ruptura ou continuidade? **XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**. Recife-PE, UFPE, 2017. p. 1 - 13. Disponível em: < https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUK_Ewipsojrp6rpAhUAHbkGHQQpACwQFjAAegQIBRAB&url=http%3A%2F%2Fwww.bsociologia.com.br%2Fportal%2Findex.php%3Foption%3Dcom_docman%26task%3Ddoc_download%26gid%3D601%26Itemid%3D171&usq=AOvVaw2ZePfrpZ87RHD2MOC8Besy >. Acesso em: 09/04/2020

QUADROS

SANTOS, J.P.C. (org). **Bandeiras de ofícios**. Quadro 01. 2020.

_____. **Estados brasileiros e ano de fundação das casas de educandos artífices**. Quadro 02. 2020.

_____. (org.). **Depoimentos sobre carpintaria e marcenaria**. Quadro 03. 2020.

_____. (org.). **Perfil de consumidores dos móveis das carpintarias**. Quadro 04. 2020.

ILUSTRAÇÕES

SANTOS, J.P.C. **Prensa para fazer farinha de mandioca**. 1 fig. color. dig. 10,21 cm x 5,74 cm. 2019

_____. **Móveis rústicos usados pelos negros escravizados**. 1 fig. color. dig. 6,72 cm x 11,95 cm. 2019.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. Comôda com colunas estriadas, século XIX, modelo neoclássico. Acervo do Museu Costa Pinto. [1 fig. color. 10,14 cm x 6,51 cm]. **Mobiliário Baiano**. Brasília, DF: Iphan/Programa Monumenta, 2009. Disponível em: < http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/Mobiliario_Baiano.pdf.pdf >. Acesso em: 03/05/2020

ENTREVISTAS

A.O.C. **Ofício da carpintaria**. [out. 2019]. Entrevistador: João Pedro Celestino dos Santos. Itabaiana/SE. 2019. 1 doc. Transcrito. Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

A.M.P. **Modernização da carpintaria**. [nov. 2020]. Entrevistador: João Pedro Celestino dos Santos. Itabaiana/SE. 2020. 1 doc. Transcrito. Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

M.P.M. **O trabalho da carpintaria**. [dez. 2020]. Entrevistador: João Pedro Celestino dos Santos. Itabaiana/SE. 2020. 1 doc. Transcrito. Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

J.S.S. **Ofício da carpintaria**. [out. 2020]. Entrevistador: João Pedro Celestino dos Santos. Itabaiana/SE. 2020. 1 doc. Transcrito. Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

W.R.C. **O distanciamento da carpintaria à marcenaria**. [nov. 2020]. Entrevistador: João Pedro Celestino dos Santos. Itabaiana/SE. 2020. 1 doc. Transcrito. Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

J.A.B.S. **Clientes de classe média**. [nov. 2020]. Entrevistador: João Pedro Celestino dos Santos. Itabaiana/SE. 2020. 1 doc. Transcrito. Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

R.R.S.G. **Ofício peça-chave.** [nov. 2020]. Entrevistador: João Pedro Celestino dos Santos. Itabaiana/SE. 2020. 1 doc. Transcrito. Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

M.M.S. **Semelhança carpintaria-marcenaria.** [nov. 2020]. Entrevistador: João Pedro Celestino dos Santos. Itabaiana/SE. 2020. 1 doc. Transcrito. Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

J.V.R.L. **Diversidade de clientes.** [dez. 2020]. Entrevistador: João Pedro Celestino dos Santos. Itabaiana/SE. 2020. 1 doc. Transcrito. Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

D.S.M. **Complementação dos ofícios.** [nov. 2020]. Entrevistador: João Pedro Celestino dos Santos. Itabaiana/SE. 2020. 1 doc. Transcrito. Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

R.J.S. **Especialização da carpintaria.** [dez. 2020]. Entrevistador: João Pedro Celestino dos Santos. Itabaiana/SE. 2020. 1 doc. Transcrito. Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

M.S.F. **Trabalho com a madeira.** [dez. 2020]. Entrevistador: João Pedro Celestino dos Santos. Itabaiana/SE. 2020. 1 doc. Transcrito. Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

M.R.S. **Diferença carpintaria e marcenaria.** [dez. 2020]. Entrevistador: João Pedro Celestino dos Santos. Itabaiana/SE. 2020. 1 doc. Transcrito. Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

Submetido em: agosto de 2021

Aceito em: setembro de 2024